



A TRANSLINGUAGEM COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO DE ENSINO- APRENDIZAGEM NO ENSINO DE INGLÊS PARA CRIANÇAS

Gabriel Ferrari de Alcantara¹
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Gysele da Silva Colombo Gomes²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO: Neste estudo, discutimos o papel da reflexão do ensino de Língua Inglesa para crianças por meio da Translinguagem (Canagarajah, 2013; Zolin-Vesz, 2017) como instrumento pedagógico. Sob um paradigma qualitativo, de cunho etnográfico e caráter interpretativista, neste trabalho, discorreremos sobre o uso de uma diferente proposta de ensino-aprendizagem de língua inglesa, incorporando a translinguagem como ferramenta reflexiva às metodologias utilizadas em sala de aula. Nossa experiência advém de um projeto, intitulado *Multiculturalidade e multiletramentos críticos no ensino de inglês para crianças*, realizado na Escola Municipal Rosendo Rica Marco, em São Gonçalo, Rio de Janeiro, com uma turma de quinto ano do primeiro segmento do Ensino Fundamental. O estudo está fundamentado nos pressupostos teóricos de Vygotsky (1989) e está ancorado na perspectiva ético-metodológica da Prática Exploratória (Allwright, 2006; 2009; Miller; Cunha, 2019).

PALAVRAS-CHAVE: Translinguagem. Ensino-Aprendizagem. Letramentos. Culturalidade. Infância.

Introdução

O presente trabalho visa a analisar de que forma a translinguagem pode ser um diferencial no ensino e aprendizagem de língua inglesa para crianças do 5º ano do primeiro

¹ Graduando em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP). Atuante no grupo prodocente com pesquisa intitulada “Multiculturalidade e Multiletramentos Críticos no Ensino de Língua Inglesa para Crianças”, administrado pelo órgão de bolsas e estágios CETREINA. E-mail: gabrielferrari1802@hotmail.com

² Possui graduação em Letras Português- Inglês pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1990), mestrado em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006) e é doutora em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2014). Concluiu o pós-doutoramento na Universidade Federal de Viçosa, desenvolvendo estudos sobre a Zona de Conforto e Emoções no ensino de língua estrangeira (2020-2021). É professora adjunta da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), atua no ensino e na coordenação da graduação e pós-graduação (PPLIN) e tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa. É líder do grupo de Linguagem Sociedade, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, membro do grupo de Crenças e Emoções (UFV) e, também, do Grupo de Pesquisa Educação Linguística e Formação de Professores de Línguas (UFSCar). E-mail: gysacolombo@uol.com.br



segmento do Ensino Fundamental da escola municipal Rosendo Rica Marcos, localizada no bairro Gradim em São Gonçalo – Rio de Janeiro. O estudo é um recorte do projeto “Multiculturalidade e Multiletramentos Críticos no Ensino de Língua Inglesa para Crianças”, composto por cinco bolsistas docentes e uma professora coordenadora do projeto de produção³.

Um dos questionamentos que se voltam para o ensino de língua inglesa é o porquê que não há, em documentos curriculares oficiais, a regulamentação do ensino de inglês para crianças no setor público que ainda não alcançaram o segundo segmento do Ensino Fundamental, como sugerido na BNCC. Deste modo, o projeto e a pesquisa assumem caráter transgressor, possibilitando o acesso e o desenvolvimento dos pequenos e do docente em relação à língua inglesa, a sala de aula, a sociedade e o mundo.

Nosso primeiro objetivo é analisar, criticamente, as conexões criadas por meio da translinguagem nas turmas de quinto ano da Escola Municipal Rosendo Rica Marco em SG – RJ. O segundo é compreender como o paradigma da translinguagem pode contribuir para a implementação de ações pedagógicas e multiculturais que ultrapassam a sala de aula. Para alcançar esses objetivos, foram estabelecidas duas questões de pesquisa, a saber: a) Quais conexões são criadas a partir do uso de práticas translínguas na sala de aula de uma turma de quinto ano? b) De que forma a translinguagem pode ampliar o uso da língua inglesa dos alunos dessa turma?

A investigação é uma contribuição para os estudos sobre a translinguagem, como um viés que constitui a interconexão entre recursos semióticos na busca por produção de sentidos, para implementar as atividades pedagógicas dos aprendizes deste espaço escolar. Ademais, o estudo também reforça as pesquisas de como os estudantes aumentam o escopo do vocabulário, ao utilizarem a translinguagem como interconexão colaborativa para esse processo.

Em relação à organização, o texto apresenta três seções após esta introdução. Na primeira discorremos sobre os pressupostos teórico-metodológicos com ênfase nos estudos da translinguagem e no paradigma investigativo por nós adotado. Na segunda seção,

3 Programa de Incentivo à Docência na Graduação (PRODOCÊNCIA), criado pelo AEDA 51/REITORIA/2021, com o objetivo de ser mais uma das ações de valorização dos docentes na UERJ, mediante a concessão de bolsa de apoio à implementação de projetos de trabalho que articulem o ensino da graduação à prática profissional dos discentes.



desenvolveremos nossa análise e discussão acerca do tema, enquanto apresentaremos o contexto, os participantes e os instrumentos de geração de dados. Na última seção, tecemos nossas considerações sobre a investigação.

Aspectos teórico-metodológicos

Como embasamento teórico, é importante ressaltar os estudos de Zolin-Vesz (2022) e, principalmente, Canagarajah (2013), autores que salientam a prática translíngue como um grande desafio aos métodos tradicionais de aquisição de uma segunda língua numa perspectiva global. Isso significa que a pluralização das variações vai além da língua padrão, a língua do espaço territorial. O falante abrange as possibilidades de elementos a serem implementados na construção de sentido, na construção do seu repertório linguístico.

Conforme apontado por Canagarajah (2013), a ideologia monolíngue está ligada diretamente às concepções eurocêntricas, que criam barreiras a partir da ideia de território e comunidade e reforçam o estereótipo de uma linguagem homogênea e pura. Isto é, a imposição da construção de uma identidade única estabelece uma comunicação baseada na normatividade da gramática em detrimento da prática.

Em oposição ao paradigma monolingual, é entendido que a comunicação não permanece em uma estagnação, delimitada por limites e imposições da prática monolingue, pois perpassa o texto escrito ou verbal. Comungamos também dos construtos da prática decolonial (Walsh, 2013; 2015; 2017), que apontam para a necessidade da compreensão através de uma percepção crítica a respeito do mundo, da vida e das instituições sociais da contemporaneidade. Assim sendo, em consonância com Canagarajah (2013), defendemos que adotar metodologias e práticas translíngues decoloniais auxiliam no enfrentamento aos ideais hegemônicos em um contexto global que, além de multicultural, é repleto de desigualdades sociais.

Neste contexto, a translíngua é um mecanismo que provoca o tradicional justamente por desafiar a normatividade e os padrões da língua nomeada. Não obstante, a prática translíngue não é focada no sistema e na estrutura, mas nas vivências e nas *performances* multiculturalmente experimentais. No que tange à perspectiva metodológica, esta investigação insere-se no paradigma qualitativo (Flick, 2009), com cunho interpretativista, pois leva em



consideração os aspectos de natureza epistemológica local, em que se discute como se dá a produção de conhecimento na área (Moita Lopes, 2008). Em busca de fazer emergir um mundo decolonial sustentado em práticas político-pedagógicas forjadas nas decolonialidades do ser, do saber, do poder e da natureza, optamos pela etnografia porque, conforme apontado por Mattos:

A etnografia como abordagem de investigação científica traz algumas contribuições para o campo das pesquisas qualitativas, em particular para os estudos que se interessem pelas desigualdades sociais, processos de exclusão e situações sociointeracionais (Mattos, 2011. p.50).

Sob esse prisma, a pesquisa volta-se para uma escola carente que, constantemente, busca melhores condições para todos os membros do corpo escolar, dentro das possibilidades do contexto. Tendo em vista que os alunos dessa escola não tem aulas de inglês em sua grade, este recorte e o projeto são uma maneira de prover os aprendizes com o acesso a um conteúdo, em aulas de inglês, que fomenta uma série de ações como, por exemplo, o respeito à diversidade; o rompimento com as práticas impregnadas pelas distintas colonialidades do saber, do ser, do poder, da natureza; a realização de experiências políticas e pedagógicas com base em um conviver sustentado na solidariedade e na reciprocidade entre os seres humanos e, conseqüentemente, uma formação mais eficiente.

Portanto, ir em direção contrária de tamanho descaso de não receberem, como os aprendizes de instituições privadas da cidade, uma formação em língua, é transgredir o sistema e realizar uma “justiça social” para essas crianças carentes que sonham com um futuro melhor se comparado com a realidade atual em que elas vivem. Ademais, a justificativa de ter como público-alvo duas turmas de quinto ano é a de poder prepará-las, sob um viés multicultural e crítico, para os desafios que deverão ser ultrapassados pelos aprendizes, quando acessarem a língua inglesa na escola como disciplina obrigatória no ano seguinte.

Análise contextualizada

Em relação ao contexto do presente trabalho, a investigação ocorre nas turmas de 5º ano do turno da manhã e do turno da tarde da Escola Municipal Rosendo Rica Marco em SG – RJ.



Os participantes são as crianças do ambiente escolar público, cuja faixa etária varia entre 10 a 12 anos, um docente bolsista e a professora coordenadora do projeto.

Figura 1 (Escola Municipal Rosendo Rica Marco, São Gonçalo – RJ)



Fonte: acervo dos pesquisadores

Os instrumentos para geração de dados foram os planos de aula e a observação de campo. Além disso, o estudo se alinha aos construtos da Prática Exploratória (Allwright, 2006; 2009) que incentiva os professores a serem pesquisadores de suas salas de aula, ao mesmo tempo em que continuam o desenvolvimento das atividades de ensino, considerando a valorização à vida, no que diz respeito ao ensino-aprendizagem.

Haja vista percebermos as lacunas que estão presentes nos processos de formações de professores no Brasil, no que se diz respeito ao ensino-aprendizagem de língua inglesa para crianças, a pesquisa alinha-se com a perspectiva translinguística e decolonial, pois acreditamos que, respaldados por essas epistemologias, é possível desconstruir paradigmas hegemônicos e incentivar o aprimoramento do pensamento crítico por meio da pluralização e da multiculturalidade. Sendo assim, buscamos oferecer ao primeiro segmento do Ensino Fundamental, critérios de produção de sentidos que fujam do recorrente padrão nas aulas de línguas. Padrão esse que aponta para o escrutínio entre o certo e o errado, o que é permitido e o que não é permitido a ser empregado como prática linguística, como uma ampliação de métodos a serem aplicados em sala de aula. Isso porque entendemos que não existe uma



estrutura certa/adequada, monocentrada e singular para toda interação. Coadunamo-nos a Oliveira (2020) que afirma:

(...) o processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa na primeira infância oferece inúmeras oportunidades para a formação social e cultural da criança. A língua materna é o meio de conservação da identidade particular do indivíduo; contudo, o ensino da língua inglesa faz-se necessário em virtude das mudanças que estão ocorrendo no mundo. Para que esse processo ocorra, o professor tem uma importância no processo de ensino-aprendizagem, conduzindo as crianças não apenas por meio de leitura ou escrita, mas através do lúdico, pois é na brincadeira que a aprendizagem ocorre e possibilita o desenvolvimento de habilidades e aprendizagem (Oliveira, 2020, p.4).

Em vista disso, as atividades implementadas possuem relação com o contexto de cada aluno presente, considerando não somente o espaço escolar, mas outros espaços que os estudantes ocupam como, por exemplo, seus ambientes familiares, entre outros. A fim de familiarizar o leitor, apresentaremos algumas das atividades utilizadas no projeto. Guiados por esse prisma, engajamo-nos em um processo no qual a comunicação entre aprendizes e os docentes transcende apenas palavras, em complexas práticas discursivas a fim de “criar sentidos” em salas de aula essencialmente multilíngues.

Sendo assim, fizemos uso de linguagem verbal e não verbal (recursos semióticos diversos) e de palavras em inglês “abrasileirado”, o que foi um fenômeno importante para o “transitar” entre a língua mãe – aquela que primeiro é aprendida pelo falante de um idioma - e o inglês nos processos de construções de sentido em uma segunda língua. Entendemos que, por esse viés, a translíngua constitui a interconexão entre esses recursos semióticos na busca por produção de sentidos.

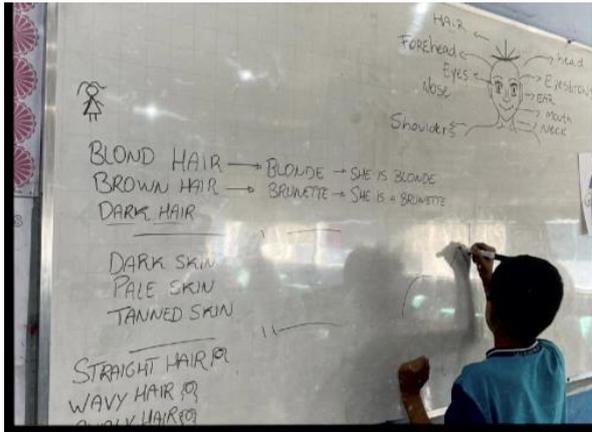
Nas imagens a seguir, é possível observar o empenho e o interesse dos alunos em estudar a língua inglesa. Sendo assim, fatores como o acesso ao inglês, a relação da cultura local com culturas diferentes e metodologias de ensino-aprendizagem que também se associam com o lúdico, como prática local, tendo em vista a necessidade e as demandas das crianças, formam noções importantes para sinalizar que as conexões com as práticas translínguas, em nosso contexto, revelam que o ensino de inglês na primeira infância é eficaz.

Na temática “parts of the body” (partes do corpo), por exemplo, nas figuras 2 e 3, nota-se que a proposta aguçou a curiosidade dos alunos em não somente saber como falar as partes do corpo humano em inglês, mas também fazer uma leitura de si, com tipos de pele, cabelos, vestimentas, rotinas culturais e, posteriormente, uma leitura dos colegas. Isso significa que as



crianças foram capazes de interagir para reconhecer a si mesmo e o outro, enfatizando a individualidade e o respeito às diferenças.

Figura 2



Fonte: acervo dos pesquisadores

Figura 3



Fonte: acervo dos pesquisadores

Por meio da musicalidade (figura 3), os aprendizes relacionavam os vocábulos da segunda língua com a língua mãe através dos sentidos. Ao ouvirem a música em “istriming” (como denominam *streaming*) no “frifairi” (como denominam *wi-fire*) e visualizarem as direções comandadas pelo professor, os estudantes chegavam às conclusões do significado das palavras rapidamente. Tais repetições se mostraram eficazes no processo de aquisição e desenvolvimento do repertório linguístico.



Figura 4



Fonte: acervo dos pesquisadores

Com os planos de aula alinhados com a BNCC, os alunos deveriam refletir sobre a língua em um contexto globalizado, além de associá-la com a cultura local que, a todo o momento, está em contato com os alunos, seja por meio de músicas, séries e filmes ou da tecnologia – celulares, tablets, videogames. Assim, como representado na figura 4, os alunos interagem uns com os outros antes, durante e depois de uma proposta de atividade.

O plano de aula elaborado para o dia 04 de agosto de 2023 tinha como um de seus objetivos a promoção da capacidade de relacionar as quatro estações do ano, de acordo com a realidade local e outras regiões. Além dessa atividade, os alunos foram desafiados a refletirem sobre o período das férias e como são, predominantemente, os climas na região local e em outras regiões. Desse modo, a motivação intrínseca (Araújo, 2023) influenciava os aprendizes a não somente receberem informações (*input*) sobre sua própria realidade, bem como a de se sentirem capazes de produzir (*output*) conforme as conclusões a que se chegavam – figura 5.



Algumas considerações

Em relação às quais conexões são criadas a partir do uso de práticas translíngues na sala de aula de uma turma de quinto ano, é possível afirmar que tais práticas permitem ao aprendiz dar relevância à dimensão intercultural – uma vez que, nessas discussões, os alunos foram capazes, assim como é sugerido pela BNCC, de refletir sobre aspectos relativos à interação entre culturas locais (dos alunos, amigos e familiares) usando a língua inglesa com vistas a favorecer o convívio, o respeito, a superação de conflitos e a valorização da diversidade entre as pessoas de seu convívio e os povos.

No que tange à segunda pergunta que nos orientou neste estudo, observamos que os aprendizes passaram a querer pesquisar em dicionários e também demandavam dos bolsistas o significado de alguns verbos e adjetivos em inglês, para que pudessem exprimir suas ideias com mais palavras da língua inglesa. Isso representou, por meio de uma interpretação subjetiva, um maior engajamento de todos e um envolvimento maior na aprendizagem que foge dos modos da educação bancária, em que o professor fala e os alunos apenas reproduzem o que ouviram. Por outro lado, pudemos compreender que as práticas adotadas no projeto “Multiculturalidade e Multiletramentos Críticos no Ensino de Língua Inglesa para Crianças” também produzem maior autonomia e agência. Isso porque tais práticas permitem ao aprendiz escolher o que quer aprender e, principalmente, por contribuírem para a construção de uma sala de aula de línguas que queremos em nossa escola, por meio da perspectiva de uma educação equitativa, em que o assunto sobre o qual a aula pode gravitar é constituído pelos saberes locais inseridos ao planejamento inicial do professor.

Por último, salientamos que os resultados parciais de nossas ações lançam luz no maior engajamento dos alunos, em sua frequência às aulas e a demonstração de alegria dos aprendizes a cada encontro. Destacamos que esses resultados são específicos ao contexto, no qual aprendizes e docentes pensam e agem com base em caminhos de desenvolvimento mútuo que levam a uma qualidade de vida (Allwright, 2006; Allwright; Hanks, 2009) de toda a comunidade escolar.



REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Marco André Franco de. **A Colaboração e as Crenças na Prática Docente de Professores de Inglês para Crianças na Escola Pública**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Letras e Linguística, Universidade de Goiás. Goiás, p. 30-70, 2023.
- ALLWRIGHT, R. L. Six promising directions in Applied Linguistics. In: GIEVE, S.; MILLER, I. (Eds.). **Understanding the language classroom**. New York: Palgrave/McMillan, 2006.
- ALLWRIGHT, D.; HANKS, J. **The Developing Language Learner**. New York: Palgrave Macmillan, 2009.
- ALLWRIGHT, R. L. Inclusive practitioner research: Why we need it and what Exploratory Practice offers. In: **Understanding the language classroom and new directions for language teaching research**. Peter Lang AG, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- CANAGARAJAH, S. **Translingual practice: Global Englishes and cosmopolitan relations**. London/New York: Routledge, 2013.
- CRESSWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed. 2 ed, 2007.
- FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre. Artmed, 2009, p.23.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. ed 72. Rio de Janeiro/São Paulo:Paz e Terra. 2020.
- MATTOS, CLG. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. **Etnografia e Educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 13 set. 2023.
- MOITA LOPES, L. P. (ORG). **Por uma Linguística Aplicada Interdisciplinar**. São Paulo: Rev. Brasileira de Linguística Aplicada, v.8 n. 1, 2008. P. 235-250.
- MILLER, I. K; CUNHA, M. I. A. Exploratory Practice: integrating research into regular pedagogic activities. In: WALSH, S.; MANN, S. (Org.). **The Routledge handbook of English language teacher education**. 1ed. London: Routledge, 2019, v. 1, p. 583-595.
- OLIVEIRA, Juliana Vicente Franco de. **Aquisição da língua inglesa: aprender e brincar ou brincar e aprender?**. Revista Educação Pública, v. 20, nº 36, 22 de setembro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/36/aquisicao-da-lingua-inglesa-aprender-e-brincar-ou-brincar-e-aprender>. Acesso em: 15 set. 2023.
- YVOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- WALSH, Catherine. **Pedagogias decoloniais: Práticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo 1. Quito: Ediciones Abya – Yala 2013.
- WALSH, Catherine. Notas pedagógicas desde las grietas decoloniales. **Revista de Ciencias Sociales Clivagens**. Vera Cruz, v. 04, 2015.
- WALSH, Catherine. ¿Interculturalidad y (de)colonialidad? Gritos, grietas y siembras desde Abya-Yala. In: DINIZ, Alai Garcia; PEREIRA, Diana Araujo; ALVES, Lourdes Kaminski (Org.). **Poéticas e políticas da linguagem em vias de descolonização**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.
- WALSH, Catherine. **Pedagogias decoloniais: Práticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo 2. Quito: Ediciones Abya – Yala 2017.
- ZOLIN-VESZ, F. Apresentação In: ZOLIN-VESZ, F. (Org.). **Linguagens e Decolonialidades**:



práticas linguageiras e produção de (des)colonialidades no mundo contemporâneo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.